



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO		<i>Tribuna</i>	20. DEZ. 1970
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

COMENTÁRIO

Destruir para reestruturar

Um dos últimos despachos deste V Governo de cem dias, que esteve no Poder exactamente cento e quarenta e nove, através da sua secretária de Estado das Pescas, consistiu na nomeação de um grupo de trabalho... para «definir a política de abate de navios da frota de pesca longínqua», isto é, para a destruição ou demolição de certo número de navios de pesca.

Sabendo-se que o volume de pescado desceu da ordem das 360 mil toneladas em 1974 para cerca de 202 mil em 78, ou seja uma quebra de mais de um terço no espaço de cinco anos, e que ao mesmo tempo a nossa área pesqueira foi acrescida de larguíssimos milhares de quilómetros quadrados, graças à criação da «zona de exclusividade económica» de duzentas milhas — esta decisão de demolir ou mandar para a sucata certo número de navios de pesca parece incongruente.

É certo que antes mesmo de tal grupo de trabalho ter começado a trabalhar, o despacho referido sentenciava que em grande número de casos se trata de navios já velhos e sem características técnico-económica para a pesca em águas distantes, e que, ao mesmo tempo, «a sucessiva redução das quotas nacionais, atribuídas por terceiros países à nossa frota longínqua, torna inviável a sua exploração dentro da dimensão actual».

Não se contesta que um grande número dos nossos navios de pesca estão largamen-

te ultrapassados, quer em características técnicas, quer em rentabilidade económica, e que por isso tenham de ser desmantelados ou vendidos para a sucata. O que se estranha é que, sendo o tema da «reestruturação das pescas» uma constante de todos os programas de governo, desde o I Provisório até ao IV Constitucional, nada até hoje se tenha feito, concretamente, no sentido dessa reestruturação.

Em consequência, a velha e reduzida frota piscatória nacional, não só em cada ano está mais velha, como vai sendo cada vez mais reduzida em número de navios — uns porque ardem no mar alto ou nos portos de armamento, outros porque vão para o fundo com as suas cargas, ou mesmo vazios. E em consequência, também, há cada vez mais desemprego numa classe em que apenas vão subsistindo alguns privilegiados, que graças à rarefacção do pescado — como há dias foi publicamente afirmado e não contestado — auferem rendimentos mensais, entre ordenados base, percentagens e outros benefícios, excedendo trinta mil escudos mensais!

Será, pois, que o desmantelamento de mais navios de pesca representa uma etapa necessária para um qualquer efectivo plano de reestruturação das pescas — ou se trata apenas de reduzir cada vez mais a actividade piscatória com o objectivo de a tornar numa actividade altamente remunerada?

António Pires